



Relatório de Gestão de Riscos

Circular 3.678

Setembro de 2018

ÍNDICE

1. Introdução	2
2. Gestão de Negócios.....	2
Cessão de Crédito	3
Securitização de ativos	3
Participações Societárias	4
3. Gerenciamento de Riscos.....	6
4. Risco de Crédito	7
Risco de Crédito Potencial.....	10
Monitoramento das exposições ao risco de crédito.....	11
Garantias.....	11
Atraso, Provisionamento e Perdas de Crédito	12
Recuperação e Cobrança	13
5. Risco de Mercado.....	14
Políticas e Governança.....	14
Mapeamento do Risco de Mercado.....	14
Marcação a Mercado	14
Classificação das Operações	15
Risco de Mercado da carteira <i>Trading</i>	15
Risco de Mercado da Carteira <i>Banking</i>	16
Realização de testes de avaliação dos controles de Risco de Mercado	18
Análise prévia de riscos inerentes a novos produtos.....	18
Exposições ao Risco de Mercado da carteira <i>Trading</i>	18
6. Risco de Liquidez	20
7. Risco Operacional.....	22
8. Gerenciamento de Capital.....	26
Análise Quantitativa.....	27
ANEXO I.....	29
ANEXO I (Continuação).....	30
ANEXO II.....	32

1. Introdução

O Conglomerado Financeiro Original (“Original”, “Conglomerado” ou “Instituição”), composto pelo Banco Original S.A. (antigo Banco Matone S.A.) e o Banco Original do Agronegócio S.A. (antigo Banco JBS S.A.), é consequência da aquisição do antigo Banco Matone S.A., conforme aprovado pelo Banco Central do Brasil no dia 31 de agosto de 2011.

Desde então o Original tem diversificado sua estratégia de atuação como banco múltiplo, direcionando esforços no financiamento de empresas do segmento corporate, de integrantes da cadeia produtiva do agronegócio e, posteriormente, no atendimento às pessoas físicas (Banco de Varejo), através do lançamento do primeiro banco 100% digital do país. Compondo sua estratégia, em 2016 demos início as atividades do Banco Original S.A. *Grand Cayman Islands Branch*, cuja licença permite operações ativas de comércio exterior e outros empréstimos em moeda estrangeira, além de captações.

Objetivando tornar pública as práticas de gerenciamento de riscos adotadas pelo Original, em linha com as recomendações do Pilar III do Comitê de Basileia e da Circular 3.678/13 do Conselho Monetário Nacional (CMN), este relatório apresenta os aspectos qualitativos e quantitativos utilizados no gerenciamento de riscos e de capital praticados, bem como a estrutura de governança e os processos de monitoramento, sempre de forma consolidada.

Este documento e as demonstrações financeiras da Instituição estão publicadas no endereço eletrônico <https://www.original.com.br/>.

2. Gestão de Negócios

O Original oferece a seus clientes um portfólio de produtos e serviços que visam o financiamento à cadeia produtiva do agronegócio, à produção industrial, à aquisição de direitos creditórios, empréstimos para capital de giro e derivativos, voltados à proteção de ativos financeiros para grandes e médias empresas e, mais recentemente, o atendimento às pessoas físicas em todo o território nacional.

O Conglomerado condiciona a aquisição de ativos financeiros às mesmas políticas, governança e rigor de análise de risco aplicados à originação de sua carteira própria, pautando sua decisão na qualidade creditícia dos devedores e a idoneidade dos cedentes. Estas aquisições têm por objetivo usufruir de boas oportunidades de rentabilização do capital, aumentar a diversificação da carteira de crédito e atender a demanda de clientes. Por sua vez, a venda e transferência de ativos financeiros geralmente têm por objetivo atender a demanda de clientes e/ou gerir o risco do portfólio do conglomerado.

Adicionalmente às equipes comerciais, contamos com profissionais de Tesouraria divididos em uma Mesa de Operações Proprietária e uma Mesa Clientes, esta última para oferecer operações de derivativos e de câmbio de forma competitiva a nossos clientes.

Cessão de Crédito

Os principais objetivos que norteiam a estratégia da direção da Instituição de realizar cessões de crédito são:

- (1) Redução da exposição em determinado cliente ou ramo de atividade, visando à desconcentração e/ou abertura de margem para realização de novas operações de crédito;
- (2) Venda de carteira de crédito vencida (carteira *distressed*);
- (3) Venda das operações pertinentes a um determinado mercado que deixem de fazer parte do direcionamento estratégico da Instituição;
- (4) Sindicalização de operações de crédito ou aquisição de carteiras feitas em conjunto com outras instituições financeiras, e
- (5) Gestão da liquidez.

No terceiro trimestre deste ano não ocorreram cessões com transferência de riscos e benefícios, conforme demonstram o quadro abaixo:

Fluxo cessões com transferência dos riscos e benefícios					
R\$ (mil)	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Fluxo Cessão s/ coobrigação	0	166.000	0	0	113.086
 Holding Grupo Controlador	0	166.000	0	0	113.086
 Holding Não Financeira	0	0	0	0	0

O volume da carteira de direitos creditórios varia de acordo com as condições de prazo e rentabilidade das operações, nível de liquidez do banco e política de crédito. Seguem abaixo os volumes de direitos creditórios, com coobrigação e sem coobrigação, adquiridos pelo conglomerado:

Saldo exposições adquiridas					
R\$ (mil)	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Exposições sem coobrigação	1.846.903	1.934.042	1.830.478	2.521.539	1.529.831
Entidades não financeiras	1.846.903	1.934.042	1.830.478	2.521.539	1.529.831
Exposições com coobrigação	124.408	128.047	125.313	143.298	165.259
Entidades não financeiras	124.408	128.047	125.313	143.298	165.259

Adicionalmente, o Original não possui exposições cedidas sem transferência ou retenção substancial de riscos e benefícios, nem tão pouco exposições cedidas nos últimos 12 meses que tenham sido honradas, recompradas, ou baixadas para prejuízo.

Securitização de ativos

Os principais objetivos da securitização de créditos são similares aos da cessão de crédito. Atualmente, a carteira de ativos provenientes de processo de securitização restringe-se a cotas de classe subordinada de um Certificado de Recebíveis Imobiliários (CRI), lastreado em créditos de financiamentos imobiliários.

Não foram realizadas novas operações de securitização nos últimos anos, estando esta carteira em *runoff*. Destaca-se que o Banco detém cotas subordinadas, de modo que o quadro abaixo demonstra os saldos referentes à securitização:

Valor total das exposições securitizadas					
R\$ (mil)	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Certificado Recebíveis Imobiliários - CRI					
 Lastro: Financiamento Imobiliários	3.848	3.720	3.597	3.468	3.353
 Cota Subordinada	3.848	3.720	3.597	3.468	3.353

Estratégias de Negócio e Hedge

As operações intrínsecas às atividades operacionais podem gerar exposições a riscos de mercado em áreas que não tem mandato para correr estes riscos. Estes riscos são transferidos para a Tesouraria, que detém o mandato de gestão de risco de mercado, dentro de limites operacionais. A Tesouraria também realiza a gestão das posições da carteira *trading* (intenção de negociação a fim de ganhos associados às oscilações de mercado), utilizando-se de instrumentos derivativos no mercado.

Os principais instrumentos financeiros derivativos utilizados são os Futuros, Termos, Swaps e Opções, e que podem ser negociados em bolsa ou no mercado de balcão. Os indexadores mais relevantes são: taxas de juros prefixadas, moedas, índices de inflação, índice de bolsa e preço de *commodities*. O Conglomerado não possui em seu portfólio produtos de derivativos de crédito (Resolução 2.933/02 do CMN).

A Diretoria de Riscos auxilia na gestão do *hedge* no sentido de fornecer as informações relevantes às decisões da Tesouraria, bem como atuar de forma independente no monitoramento e controles dos limites de risco de mercado do Conglomerado.

Participações Societárias

As participações permanentes em outras empresas são contabilizadas pelo valor patrimonial (método de equivalência patrimonial – MEP). Os resultados são registrados em contas de receita/despesa de participações em coligadas e controladas. A contabilidade das participações é elaborada de acordo com as práticas contábeis adotadas no Brasil, emitidas pelo Conselho Monetário Nacional e pelo Banco Central do Brasil.

Atualmente, todas as participações societárias do Conglomerado são detidas por razões estratégicas, visando ganhos de sinergia e de complementaridade aos negócios do Conglomerado. Segue abaixo a composição destas participações em 30 de setembro de 2018:

Participações Societárias			
Empresa Participante	Empresa Participada	Ramo / Atividade	Tipo Capital
Banco Original Agronegócio	Original Investimentos Imobiliários Ltda.	Investimentos	Capital fechado
Banco Original	Original App Ltda.	Aplicativos/Teleatendimento/Prestação serviços	Capital fechado
Banco Original	Original Asset Management Ltda.	Administração de Carteira / Fundos	Capital fechado
Banco Original	Original Corporate Corretora de Seguros Ltda	Corretora de Seguros	Capital fechado
Banco Original	Agência Cayman	Agência no exterior	Capital fechado

Seguem abaixo os valores contábeis e o requerimento de capital (RWACPAD) das participações societárias.

Valor contábil e requerimento de capital das Participações Societárias					
R\$ (mil)	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Original Investimentos Imobiliários Ltda.	100	100	100	100	100
Original App Ltda.	2.572	2.552	2.536	2.393	2.414
Original Asset Management Ltda.	3.046	3.047	3.009	2.985	2.956
Original Corporate Corretora Seguros Ltda	1.428	863	1.156	1.477	771
Agência Cayman	44.842	42.801	36.624	36.184	34.492
Requerimento Capital das Part. Societárias	750	689	714	730	655

Por fim, abaixo demonstramos os ganhos e perdas referentes a participações societárias:

Ganhos / Perdas das Participações Societárias					
R\$ (mil)	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Decorente de venda ou liquidação da participação	0	0	0	0	0
Não realizados, mas reconhecidos	8	152	107	42	165
Não realizados e não reconhecidos	0	0	0	0	0

3. Gerenciamento de Riscos

O Conglomerado preza por uma estrutura organizacional que permite um controle tempestivo, independente e assertivo, suportado por processos de identificação, mensuração, avaliação, monitoramento, reporte, controle e mitigação dos diversos riscos incorridos em virtude de suas atividades, mantendo-se sempre em linha com as melhores práticas de mercado e atendendo as regulações pertinentes.

O Comitê Executivo de Gestão Integrada de Riscos (CEGIR) é a autoridade superior nas decisões quanto ao apetite a risco e a alocação de capital do Conglomerado. As revisões das diretrizes de gerenciamento de risco e de capital, bem como os limites de risco, são definidos por comitê composto pelo corpo diretivo e técnico da Instituição.

Ponto fundamental da estrutura de gerenciamento de risco é a segregação de atividades entre as áreas de negócios e as áreas de controle, evitando conflitos de interesses e garantindo a independência dos administradores. Por sua vez, os processos operacionais têm como núcleo duas vertentes igualmente relevantes: o envolvimento de todas as áreas quando da implantação e comercialização de um novo produto ou serviço, e a independência na mensuração e reporte de riscos por estas áreas em processos já implantados.

Os normativos internos que qualificam e regem o ambiente interno de gerenciamento de riscos são devidamente divulgados para o quadro de colaboradores e publicados em ambiente eletrônico para posterior consulta.

O Conglomerado qualifica e gerencia seus potenciais riscos nas seguintes classes:

Risco de Crédito: possibilidade de ocorrência de perdas financeiras associadas ao não cumprimento pela contraparte de suas respectivas obrigações nos termos pactuados, integral ou parcialmente, sempre observando proativamente não só o desempenho e perspectivas dos negócios do cliente como também o valor das garantias agregadas.

Risco de Mercado: possibilidade de ocorrência de perdas resultantes da flutuação nos preços de mercado de posições detidas, inclusive as eventuais perdas decorrentes do tamanho da posição frente à liquidez dos mercados, durante processos de liquidação.

Risco de Liquidez: possibilidade de a Instituição não ser capaz de honrar eficientemente suas obrigações financeiras esperadas e inesperadas, correntes e futuras, inclusive aquelas decorrentes da vinculação de garantias, sem afetar suas operações diárias e sem incorrer em perdas significativas

Risco Operacional: possibilidade de ocorrência de perdas resultantes de falha, deficiência ou inadequação de processos internos, pessoas e sistemas, ou de reflexos advindos de eventos externos.

Gerenciamento de Capital: é o processo contínuo de monitoramento e controle do capital necessário para fazer face aos riscos a que o Conglomerado está sujeita, frente a seus objetivos estratégicos, refletidos em suas metas.

4. Risco de Crédito

O risco de crédito pode ser considerado como a expectativa de perda financeira decorrente da deterioração da capacidade de pagamento das obrigações creditícias das contrapartes do Conglomerado, gerada por mudanças não previstas na saúde financeira de um tomador de crédito, de alterações da conjuntura financeira particular, inversões de cenários macroeconômicos em sentido amplo ou a desvalorização de instrumentos financeiros e garantias correlatas.

Exposição ao Risco de Crédito

A tabela abaixo, demonstra a exposição ao risco de crédito segmentado por tipo de carteira, apresentando totais e médias para o 3º trimestre de 2018. No trimestre, importação e exportação apresentaram o maior aumento de volume.

Exposições no trimestre										
R\$ mil	3ºT/2018	2ºT/2018	1ºT/2018	4ºT/2017	3ºT/2017	3T Média	2T Média	1T Média	4T/2017 Média	3T-2017 Média
Pessoa Física	2.591.969	2.340.296	1.829.208	1.680.551	1.374.127	2.476.367	2.161.080	1.750.805	1.567.026	1.331.550
Avais e Fianças	7.716	7.714	7.713	7.713	21	7.715	7.714	7.713	5.139	21
Cartão de crédito	185.404	172.713	163.080	157.314	132.897	184.944	170.156	161.351	152.311	132.256
Consignado	42	70	163	296	427	52	89	180	339	478
Crédito Rural	233.143	241.712	227.553	206.251	117.403	216.290	245.299	213.471	177.386	120.765
Imobiliário	2.053	2.289	2.405	2.572	2.860	2.127	2.306	2.350	2.648	2.927
Importação e Exportação	1.047.608	875.971	501.992	439.208	379.391	1.005.257	750.183	452.416	402.496	329.726
Limites não utilizados	953.630	863.692	776.847	717.189	644.993	920.352	829.134	753.015	696.137	624.446
Recebíveis	48.830	58.024	46.021	55.032	31.710	54.816	44.038	48.798	46.390	51.688
Veículos e Arrendamento Mercantil	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Demais Produtos	113.543	118.111	103.434	94.977	64.425	84.814	112.161	111.511	84.183	69.244
Pessoa Jurídica	3.956.367	4.011.097	3.696.596	4.248.720	3.216.046	3.951.925	3.874.690	3.515.479	3.447.153	3.176.494
Avais e Fianças	410.691	387.097	386.697	385.413	354.197	403.413	385.587	387.409	373.639	338.509
Capital Giro, Títulos Desc. e Cta Garantida	952.014	1.012.264	926.714	882.215	736.451	966.785	971.643	875.061	851.877	692.509
Crédito Rural	74.922	113.676	56.898	58.071	97.340	69.256	85.328	57.202	61.396	98.318
Importação e Exportação	382.888	372.147	290.276	350.443	310.540	388.874	336.737	306.413	349.416	309.409
Investimento	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Limites não utilizados	83.480	68.802	66.703	46.528	10.220	80.462	68.904	53.994	32.157	7.349
Recebíveis	1.903.616	1.987.179	1.894.949	2.469.530	1.646.075	1.937.307	1.949.034	1.773.251	1.725.953	1.666.846
Demais Produtos	148.756	69.932	74.359	56.521	61.223	105.829	77.458	62.149	52.714	63.552
TOTAL	6.548.337	6.351.392	5.525.804	5.929.271	4.590.173	6.428.292	6.035.771	5.266.284	5.014.180	4.508.044

Os valores incluem avais, fianças, e limites não utilizados, e são líquidos de provisão para créditos de liquidação duvidosa

A tabela a seguir apresenta a distribuição dos valores da parcela de risco de crédito da alocação de capital (RWACPAD), segmentados pelos fatores de ponderação de risco (FPR), conforme definido na Circular 3.644/13.

Valor parcela RWA_{CPAD} por fator (R\$ mil)					
Fator EPR	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
2%	606	616	0	280	13
20%	3.415	3.523	5.271	4.200	5.768
35%	61	70	76	64	75
50%	8.562	2.650	5.828	5.589	8.305
75%	57.072	48.310	24.841	41.989	38.193
100%	602.302	609.009	555.526	603.490	521.388
125%	0	0	0	0	0
150%	0	0	0	0	0
250%	8.272	9.298	3.918	8.147	755
300%	0	0	0	11.500	9.314
-35%	0	0	0	0	0
-50%	0	0	0	0	0
-100%	0	0	0	0	0
-300%	0	0	0	0	0
CVA	422	547	148	1.394	3.977
RWACPAD	680.711	674.024	595.607	676.654	587.789

O quadro abaixo demonstra o percentual de participação, em relação a carteira de crédito, da exposição às maiores contrapartes do Conglomerado:

% Maiores exposições das operações de crédito					
R\$ (mil)	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
10 maiores clientes	16%	18%	21%	23%	25%
50 maiores clientes	43%	46%	51%	51%	56%
100 maiores clientes	59%	62%	66%	64%	69%

Segue abaixo a concentração da carteira de crédito por distribuição geográfica. Observa-se que as operações estão concentradas na região Sudeste:

(R\$ mil)	Exposições por regiões geográficas											
	Brasil										no Exterior	
	Sudeste		Centro-Oeste		Sul		Nordeste		Norte		Exterior	
	3ºT / 2018	2ºT / 2018	3ºT / 2018	2ºT / 2018	3ºT / 2018	2ºT / 2018	3ºT / 2018	2ºT / 2018	3ºT / 2018	2ºT / 2018	3ºT / 2018	2ºT / 2018
Pessoa Física	1.432.420	1.309.406	856.981	772.598	46.180	41.207	229.329	193.355	27.059	23.729	-	-
Avais e Fianças	7.716	7.714	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cartão de crédito	151.692	141.422	8.581	7.820	10.831	10.248	12.078	11.114	2.223	2.108	-	-
Consignado	40	69	-	-	2	2	-	-	-	-	-	-
Crédito Rural	94.072	78.393	126.077	151.491	3.832	5.483	9.163	6.345	-	-	-	-
Imobiliário	2.053	2.289	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Importação e Exportação	203.629	154.972	645.430	552.431	4.429	-	174.436	152.259	19.684	16.308	-	-
Limites não utilizados	857.177	794.278	48.661	32.458	18.936	17.512	25.826	16.494	3.030	2.949	-	-
Receíveis	25.527	38.472	19.583	17.467	579	447	2.126	526	1.014	1.112	-	-
Veículos e Arrendamento Mercantil	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Demais Produtos	90.514	91.796	8.649	10.930	7.570	7.515	5.701	6.617	1.109	1.252	-	-
Pessoa Jurídica	3.402.314	3.427.982	273.605	319.341	219.999	227.590	36.513	22.700	23.937	14.716	-	-
Avais e Fianças	378.889	367.925	1.230	-	18.592	18.456	11.980	716	-	-	-	-
Capital Giro, Títulos Desc. e Cta Garantida	736.156	770.542	145.894	165.979	51.656	56.499	15.550	14.042	2.758	5.202	-	-
Crédito Rural	49.568	42.840	23.340	44.411	2.014	24.689	-	-	-	1.735	-	-
Importação e Exportação	163.184	172.395	73.820	92.270	118.843	94.162	6.370	5.775	20.671	7.545	-	-
Investimento	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Limites não utilizados	72.676	62.792	9.205	4.240	1.296	0	-	40	301	1	-	-
Receíveis	1.853.084	1.941.556	20.116	12.441	27.597	1.729	2.613	2.127	205	232	-	-
Demais Produtos	148.756	69.932	-	-	32.055	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	4.834.733	4.737.388	1.130.586	1.091.939	266.179	268.797	265.842	216.055	50.996	38.445	-	-

Os valores incluem avais, fianças, e limites não utilizados, e são líquidos de provisão para créditos de liquidação duvidosa

(R\$ mil)	Exposições por setores econômicos									
	Agronegócio		Financeiro		Indústria		Serviços		Outros	
	3ºT / 2018	2ºT / 2018	3ºT / 2018	2ºT / 2018	3ºT / 2018	2ºT / 2018	3ºT / 2018	2ºT / 2018	3ºT / 2018	2ºT / 2018
Pessoa Física	1.320.661	1.215.272	-	-	-	-	82.555	13.932	1.188.754	1.110.406
Avais e Fianças	7.661	7.661	-	-	-	-	-	-	54	53
Cartão de crédito	-	-	-	-	-	-	-	-	185.404	172.713
Consignado	-	-	-	-	-	-	-	-	42	70
Crédito Rural	233.143	241.712	-	-	-	-	-	-	-	-
Imobiliário	-	-	-	-	-	-	-	-	2.053	2.289
Importação e Exportação	964.865	875.971	-	-	-	-	67.960	-	14.783	-
Limites não utilizados	64.048	27.664	-	-	-	-	1.841	-	887.741	835.342
Receíveis	41.008	50.930	-	-	-	-	2.302	3.368	5.519	3.725
Veículos e Arrendamento Mercantil	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Demais Produtos	9.935	11.334	-	-	-	-	10.451	10.564	93.157	96.213
Pessoa Jurídica	543.798	528.006	-	-	1.020.698	1.153.295	2.321.149	2.270.480	70.722	59.317
Avais e Fianças	21.214	9.950	-	-	348.365	338.684	41.113	38.463	-	-
Capital Giro, Títulos Desc. e Cta Garantida	112.795	138.693	-	-	327.910	339.178	454.032	479.730	57.277	54.663
Crédito Rural	72.908	89.012	-	-	-	-	2.014	24.663	-	-
Importação e Exportação	221.091	240.236	-	-	77.125	72.680	84.673	59.231	-	-
Investimento	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Limites não utilizados	11.300	7.380	-	-	6.472	8.656	62.707	48.113	3.001	4.653
Receíveis	24.296	22.658	-	-	202.214	344.242	1.676.611	1.620.279	495	-
Demais Produtos	80.195	20.077	-	-	58.612	49.855	-	-	9.949	-
TOTAL	1.864.459	1.743.278	-	-	1.020.698	1.153.295	2.403.704	2.284.412	1.259.476	1.169.722

Os valores incluem avais, fianças, e limites não utilizados, e são líquidos de provisão para créditos de liquidação duvidosa

A tabela a seguir demonstra a exposição do crédito por prazos, segmentado por tipo de exposição ao risco de crédito.

(RS mil)	Exposições por Prazos							
	até 6 meses		acima de 6 meses até 1 ano		acima de 1 ano até 5 anos		acima de 5 anos	
	3ºT /2018	2ºT /2018	3ºT /2018	2ºT /2018	3ºT /2018	2ºT /2018	3ºT /2018	2ºT /2018
Pessoa Física	1.273.165	1.172.081	89.812	97.190	1.227.368	1.066.993	1.624	4.031
Avais e Fianças	7.684	7.684	-	-	31	30	-	-
Cartão de crédito	154.988	144.633	29.783	27.926	633	153	-	-
Consignado	11	24	11	19	19	26	1	1
Crédito Rural	37.100	9.678	16.307	27.922	179.736	204.113	-	-
Imobiliário	-	-	-	-	430	293	1.623	1.997
Importação e Exportação	13.393	25.843	18.476	17.328	1.015.739	832.800	-	-
Limites não utilizados	953.566	863.579	24	90	40	23	-	-
Recebíveis	48.830	58.024	-	-	-	-	-	-
Veículos e Arrendamento Mercantil	-	-	-	-	-	-	-	-
Demais Produtos	57.593	62.618	25.211	23.905	30.739	29.555	-	2.034
Pessoa Jurídica	2.516.210	2.563.203	412.599	324.895	1.024.213	1.084.440	3.346	38.558
Avais e Fianças	175.235	245.778	215.541	131.825	19.915	9.494	-	-
Capital Giro, Títulos Desc. e Cta Garantida	167.734	213.233	94.104	110.776	690.176	688.254	-	-
Crédito Rural	28.330	34.099	35.367	21.520	11.226	58.056	-	-
Importação e Exportação	221.693	206.971	50.277	28.125	110.918	137.051	-	-
Investimento	-	-	-	-	-	-	-	-
Limites não utilizados	83.480	68.802	-	-	-	-	-	-
Recebíveis	1.839.733	1.793.085	17.310	32.648	43.227	122.888	3.346	38.558
Demais Produtos	6	1.236	-	-	148.750	68.696	-	-
TOTAL	3.789.376	3.735.284	502.411	422.085	2.251.581	2.151.433	4.970	42.589

Os valores incluem avais, fianças, e limites não utilizados, e são líquidos de provisão para créditos de liquidação duvidosa. Fianças com prazo indeterminado são alocadas na faixa de prazo acima de 5 anos.

Risco de Crédito Potencial

O Risco de Crédito Potencial (RCP) trata dos casos onde o cliente é a contraparte do banco em operações cujo potencial de perda de crédito está associado às flutuações dos preços de mercado, a exemplo dos derivativos, dos contratos com exposição cambial e das compromissadas.

O Original utiliza modelos de análise histórica de volatilidades dos retornos dos ativos subjacentes, associando-os a uma expectativa econômica previamente aprovada em comitê. Assim, dado um conjunto de prazos e um nível de confiança aprovados pelo Comitê de Gestão de Riscos e Capital (CGRC), estima-se o risco de crédito potencial de cada contrato. Para fins de apuração do risco total de crédito de uma determinada contraparte, soma-se ao seu Risco de Crédito Potencial (RCP) à respectiva posição de seus demais contratos de crédito.

Abaixo são apresentadas as informações relativas ao valor nocional dos contratos sujeitos ao RCP, segregando os tipos de ativos e a existência de garantias.

Valor Nocional - Contratos Sujeitos ao Risco de Crédito da Contraparte					
R\$ (mil)	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Contratos com câmara central atuando como contraparte	3.226.615	3.366.939	3.134.173	1.445.445	4.678.891
<i>Derivativos</i>	3.226.615	3.366.939	3.134.173	1.445.445	4.678.891
Contratos sem câmara atuando como contraparte central	2.078.658	2.763.893	1.146.318	1.396.861	1.303.852
<i>Com Garantia - Derivativos</i>	0	0	0	0	0
<i>Sem garantia - Derivativos</i>	1.557.866	2.009.376	1.009.100	948.351	758.150
<i>Com Garantia - Compromissadas</i>	520.792	754.517	137.218	448.510	545.702
Total	5.305.272	6.130.832	4.280.492	2.842.306	5.982.744

O quadro abaixo traz informações sobre os valores a receber das operações sujeitas ao Risco de Crédito da Contraparte:

Risco de Crédito da Contraparte					
R\$ (mil)	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Valores a Receber	583.645	837.236	148.888	463.872	554.929
<i>Derivativos</i>	62.522	74.014	9.883	13.719	18.437
<i>Compromissadas</i>	521.123	763.222	139.005	450.154	547.546
(-) Acordo de compensação	0	0	0	0	0
(-) Colaterais recebidos	520.792	753.757	136.959	448.510	545.078
<i>Compromissadas</i>	520.792	753.757	136.959	448.510	545.078
Exposição Global Líquida	62.853	83.479	11.930	15.362	9.850

Monitoramento das exposições ao risco de crédito

O Original controla a exposição ao risco de crédito, não só no âmbito global de sua carteira, na forma de concentrações, mas também individualmente, avaliando as contrapartes e suas operações de crédito. A atuação nestas duas frentes de forma coordenada, garante a adequação do risco de crédito ao apetite definido pela Diretoria do Conglomerado.

É responsabilidade da Diretoria de Riscos o monitoramento mensal da evolução dos índices de concentração do portfólio pelos maiores devedores, por classificação de crédito das contrapartes, por quantidade de dias de atraso e por maturidade das operações. Além disso, é avaliada mensalmente a adequação das provisões frente a exposição de risco. Os gestores das áreas envolvidas e a Diretoria do Conglomerado recebem estes relatórios mensais para o devido acompanhamento.

Garantias

O Original utiliza garantias reais e pessoais como mitigadores de risco de crédito em suas operações, derivativos e operações compromissadas, sendo as garantias solicitadas de acordo com as características intrínsecas de cada crédito concedido.

O processo de análise de crédito verifica quantitativamente e qualitativamente a necessidade e as garantias propostas, deliberando sobre sua aprovação ou não.

Segue abaixo a relação das principais garantias operadas pelo Conglomerado Financeiro Original:

- Aval dos sócios e cotistas;
- Penhor ou alienação fiduciária de bens móveis;
- Hipoteca ou alienação fiduciária de bens imóveis;
- Cessão fiduciária de direitos creditórios e títulos de crédito;
- Cessão fiduciária de depósitos e títulos;
- Caução de Recebíveis

Como política do Conglomerado, normalmente são solicitadas garantias superiores ao valor da operação de crédito, protegendo-se de uma possível desvalorização e custos processuais. O registro das garantias é realizado na forma da lei e, em se tratando de penhor ou alienação de bens móveis ou imóveis, se dá nos cartórios competentes.

A avaliação das garantias, em especial relativas à produção agropecuária, é feita com base no preço de mercado do produto na data da concessão e/ou no preço futuro previsto para o produto, considerando um cenário de venda forçada.

Realizam-se periodicamente visitas de monitoramento para aferição da real existência das garantias, bem como sua qualidade e condições de manejo e estocagem. O valor das garantias é reestimado periodicamente em função dos fatores acima observados e das variações do mercado.

A tabela abaixo traz o valor das garantias recebidas que atendam cumulativamente aos seguintes requisitos:

- a) sejam mantidas ou custodiadas na própria instituição;
- b) tenham por finalidade exclusiva a constituição de garantia para as operações a que se vinculem;
- c) estejam sujeitas à movimentação, exclusivamente, por ordem da instituição depositária; e
- d) estejam imediatamente disponíveis para a instituição depositária no caso de inadimplência do devedor ou de necessidade de sua realização.

Valor das Garantias Recebidas - R\$ (mil)					
Garantia	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Títulos públicos federais	496.386	127.365	23.748	60.160	176.395
Recursos financeiros (Reais)	25.606	628.508	113.218	388.511	374.411

Tanto para gerenciamento interno como para a apuração do capital a ser alocado para cobertura das exposições relativas ao risco de crédito (Circular 3.644/13), a Instituição utiliza, nas operações de venda com recompra, os recursos financeiros recebidos como mitigador de risco.

Segue abaixo, a tabela com as exposições mitigadas para fins de alocação de capital na parcela de risco de crédito (RWA_{CPAD}) segundo a Circular 3.644/13.

Valor mitigado por instrumento - R\$ (mil)							
Operação	FPR	Mitigador	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Compra com revenda	20%	Títulos públicos federais	495.186	126.008	23.748	59.999	171.291
Venda com recompra	20%	Recursos financeiros (Reais)	25.606	627.749	113.210	388.511	373.788

Ademais da apuração do capital regulatório, o Original utiliza as garantias recebidas como um mitigador de risco na estimação da provisão de crédito de liquidação duvidosa (PCLD). Caso o valor apurado e sua liquidez sejam representativos frente à exposição de risco da contraparte, o Original tem a prerrogativa, dentro da sua governança, de revisar a classificação de risco das operações de crédito, desde que as mesmas estejam em dia, sempre em linha com a Resolução 2.682/99 e demais normas aplicáveis.

Atraso, Provisionamento e Perdas de Crédito

As tabelas abaixo trazem o montante das operações em atraso, bruto de provisões e excluídas as operações já baixadas para prejuízo, segregadas em faixas de vencimento, por regiões geográficas do Brasil e também por setor econômico.

Montante das operações em atraso por Região e Setor										
(R\$ mil)	atraso entre 15 e 60 dias		atraso entre 61 e 90 dias		atraso entre 91 e 180 dias		atraso entre 181 e 360 dias		atraso acima de 360 dias	
Região	3ºT/2018	2ºT/2018	3ºT/2018	2ºT/2018	3ºT/2018	2ºT/2018	3ºT/2018	2ºT/2018	3ºT/2018	2ºT/2018
Centro-Oeste	7.009	34.431	603	593	15.174	1.633	2.601	2.123	11	10
Nordeste	1.673	1.578	701	1.142	2.310	3.100	5.172	3.555	78	47
Norte	375	258	165	186	377	599	917	852	1	0
Sudeste	41.656	23.060	9.891	22.620	36.103	47.181	61.826	73.949	68.759	30.697
Sul	25.242	1.712	704	840	2.071	3.315	4.759	2.678	1	1
Exterior	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	75.955	61.039	12.063	25.381	56.036	55.828	75.274	83.158	68.850	30.756
Setor	3ºT/2018	2ºT/2018	3ºT/2018	2ºT/2018	3ºT/2018	2ºT/2018	3ºT/2018	2ºT/2018	3ºT/2018	2ºT/2018
Agronegócio	12.302	33.312	-	-	13.661	3.172	3.172	37.593	37.593	-
Financeiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Indústria	23.526	938	1.447	2.776	4.050	9.868	9.682	-	30.632	30.632
Outros	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Serviços	19.910	6.181	2.046	8.854	10.812	8.646	10.238	3.734	-	-
Pessoa Física	20.216	20.607	8.571	13.751	27.513	34.143	52.183	41.831	625	124
Total	75.955	61.039	12.063	25.381	56.036	55.828	75.274	83.158	68.850	61.387

O quadro abaixo demonstra o montante de provisões para perdas relativas às exposições de crédito, segmentado por setor econômico, discriminando os valores adicionados e os subtraídos neste trimestre.

(R\$ mil)	Montante provisões para perdas relativas às exposições					
	3º T / 2018			2º T / 2018		
Setor	Entrada Provisão	Saída Provisão	Saldo Provisão	Entrada Provisão	Saída Provisão	Saldo Provisão
Agronegócio	9.355	6.943	35.663	11.205	7.169	33.709
Financeiro	-	-	-	-	-	-
Indústria	5.483	31.600	32.816	42.534	36.114	58.933
Serviços	16.221	11.016	26.715	13.343	13.075	21.943
Pessoa Física	38.658	30.016	80.356	34.558	34.603	71.714
Outros	378	438	784	620	308	844
Total	70.095	80.013	176.334	102.260	91.269	187.143

A tabela seguinte demonstra o fluxo de operações baixadas para prejuízo por trimestre, segmentado por setor econômico.

Operações baixadas para prejuízo (R\$ mil)					
Setor	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Agronegócio	38	1.086	-	1.592	-
Financeiro	-	-	-	-	-
Indústria	-	-	-	175	-
Outros	-	-	-	-	-
Serviços	1.890	2.608	2.854	8.434	6.342
Pessoa Física	25.429	29.606	25.977	13.855	4.750
Total	27.357	33.300	28.831	24.055	11.092

Recuperação e Cobrança

O processo de cobrança objetiva minimizar as perdas financeiras associadas à inadimplência, parcial ou total, dos contratos de empréstimos inadimplentes. As ações da recuperação de crédito seguem regras formalizadas em normativos internos para cada tipo de modalidade de crédito e garantia associada.

As ações de cobrança compreendem: o contato com o cliente visando uma negociação amigável, aviso aos garantidores e avalistas, negativação em órgãos que prestam serviço de informação de crédito (SPC, SERASA), reestruturação dos contratos, chegando a tomada de ações jurídicas cabíveis para a recuperação da dívida ou tomada das garantias.

5. Risco de Mercado

O Risco de Mercado trata dos resultados potenciais em razão das oscilações das taxas e cotações de mercado que precificam os instrumentos financeiros pertencentes à carteira do Conglomerado. O gerenciamento de risco de mercado compreende o conjunto de procedimentos que buscam identificar, mensurar, controlar e reportar os riscos de mercado intrínsecos a cada posição. A estrutura de gerenciamento de risco de mercado do Conglomerado segue as melhores práticas de mercado e atendem ainda os requisitos da Resolução 4.557/17 do Conselho Monetário Nacional.

A seguir serão abordadas as estruturas, políticas e metodologias utilizadas pelo Conglomerado no controle do risco de mercado, bem como informações da carteira ao longo dos últimos trimestres.

Políticas e Governança

A Política de Risco de Mercado, aprovada pelo Comitê Executivo de Gestão Integrada de Riscos (CEGIR), consolida as definições, diretrizes e responsabilidades de fóruns e áreas envolvidas para que sejam estabelecidas as práticas de gerenciamento do risco de mercado. A análise de exposição das carteiras da Instituição (*Trading e Banking*) é pautada em processos realizados pela Diretoria de Riscos em conformidade com as diretrizes definidas na Política de Risco de Mercado.

O detalhamento das principais atribuições e processos relacionados ao monitoramento e controle do risco de mercado são descritas a seguir.

Mapeamento do Risco de Mercado

O processo de mapeamento de risco de mercado consiste na:

- (1) Identificação dos fatores de risco de mercado para cada produto e seus mitigantes;
- (2) Definição da metodologia de alocação de valores nos fatores de risco; e
- (3) Tratamento específico destinado às opções e produtos que contenha cláusulas de opicionalidades ou barreiras.

Marcação a Mercado

O processo de marcação a mercado consiste em precificar os instrumentos financeiros pelo seu valor real, isto é, pelo valor que hipoteticamente seria transacionado no mercado em determinado momento. Este processo é função das taxas e preços observados nos mercados, dos cálculos segundo composição de insumos coletados no mercado ou modelos de aproximação.

Para os instrumentos pertinentes ao processo, existem três situações possíveis quanto ao seu modelo de marcação a mercado:

- **Tipo I:** Há informação do preço observado e disponível no mercado;
- **Tipo II:** O preço do ativo não é diretamente observado. Neste caso a precificação utiliza os fatores de risco observados;
- **Tipo III:** Não há informação de preço e nem dos seus fatores de risco, sendo que seu modelo é teórico (Marcação a Modelo).

A Diretoria de Riscos é responsável pela proposta e revisão dos modelos de marcação a mercado da Instituição. A área de Finanças, por sua vez, garante a aderência dos modelos às regras do IFRS. O modelo de marcação a mercado inclui dois aspectos:

- Definição da coleção de insumos (preços, curvas e superfícies de volatilidade) necessários;
- Metodologia de cálculo a ser aplicada.

A aprovação dos modelos de marcação a mercado é de alçada do Comitê de Gestão de Riscos e Capital (CGRC).

Classificação das Operações

Em linha com a Circular 3.354/2007 e a Resolução 4.557/17, que estabelece critérios mínimos para classificação de operações nas instituições financeiras, o Conglomerado segregava suas exposições em carteiras de negociação (*trading*) e carteira bancária (*banking*). As posições onde há intenção de obter ganhos associados às oscilações de mercado são classificadas na carteira de negociação da Instituição.

Na carteira do Conglomerado não há depósitos a prazo sem data de vencimento e os riscos derivados das liquidações antecipadas de empréstimos são tratados de acordo com as políticas de *hedge*.

Risco de Mercado da carteira Trading

Gerencia-se o risco de mercado da carteira de negociação (*trading*) através de procedimentos de identificação e mensuração do risco de mercado, monitoramento permanente do risco, reporte dos resultados, testes de estresse e controle de limites.

Seguindo a estrutura de governança do processo de monitoramento e controle do risco de mercado, o apetite a risco é definido pelo Comitê Executivo de Gestão Integrada de Riscos (CEGIR). A Diretoria de Riscos tem o mandato de controlar estes limites e, em caso de um evento de desenquadramento, a Tesouraria e o CEGIR são tempestivamente informados de acordo com os processos estabelecidos.

Ainda, para os ativos da carteira de negociação apura-se a alocação de capital, segundo os modelos padronizados regulamentados pelo Banco Central do Brasil, referente aos riscos de mercado de juros, cupom de moedas, cupom de índices de preços, cupom de outras taxas, *commodities*, câmbio e de ações.

a) Valor em Risco (VaR)

O monitoramento do risco de mercado da Tesouraria é realizado, entre outros, através do VaR, conforme aprovado. Utiliza-se como metodologia o modelo de VaR paramétrico, com 99,9% de intervalo de confiança, volatilidade EWMA com 126 amostras e λ de 0,94. O *holding period* (*hp*) é função dos dias necessários para liquidação da posição, levando-se em conta o tamanho da posição detida pelo banco e a liquidez de mercado do fator de risco.

A manutenção e proposta de novas metodologias de controle desta métrica é responsabilidade da Diretoria de Riscos. As alterações devem ser aprovadas pelo Comitê de Gestão de Riscos e Capital.

Respeitando a estrutura de negócios definida na política interna de risco de mercado, as mesas pertencentes à carteira *trading* estão sujeitas aos limites de exposição de *VaR*. Estes limites são definidos de acordo com o apetite a risco da Instituição, sendo o fórum de deliberação o Comitê Executivo de Gestão Integrada de Riscos (CEGIR).

A Diretoria de Risco monitora e controla, para cada estrutura, o consumo de *VaR* vis a vis seu limite. Diariamente, reporta os resultados e controle através de relatórios enviados para a área de Tesouraria. Se extrapolado um limite, o fato é reportado tempestivamente aos níveis previstos na Política para os devidos posicionamentos.

b) Teste de Estresse

Os cenários de estresse são representações de condições atípicas de mercado que podem eventualmente resultar em perdas econômicas não contempladas pelo *VaR*.

O Comitê de Gestão de Riscos e Capital define os cenários de estresse válidos para apuração dos testes de estresse. A definição destes cenários ocorre de forma colegiada pelo Comitê, que realiza sua decisão baseada em percepções das áreas de economia, tesouraria, riscos, além das observações históricas.

Os cenários são revisados mensalmente, podendo ocorrer revisões em caráter extraordinário sempre que houver alterações nos fundamentos macroeconômicos que pautaram a decisão vigente.

As curvas definidas como cenários de estresse são utilizadas pela área de Risco no controle de risco em condições extremas de mercado. Diariamente, as carteiras citadas acima são marcadas a mercado utilizando-se as curvas definidas em cada um dos três cenários de estresse. O teste de estresse é o resultado da pior perda financeira decorrente da marcação a mercado da posição em cada um dos cenários de estresse vis a vis a marcação a mercado da curva real.

Uma vez que o teste de estresse atingir o limite máximo estabelecido, a área de risco de mercado informa o fato tempestivamente aos níveis previstos na Política para os devidos posicionamentos.

c) Stop Loss

A medida de *Stop Loss* consiste na máxima perda financeira aceitável de uma determinada carteira em uma janela de tempo.

A Mesa de Tesouraria Proprietária tem definido um limite, aprovado pelo CEGIR, para perdas em uma janela determinada de tempo. Diariamente a área de risco de mercado afere o resultado acumulado de cada portfólio dentro desta janela de tempo. O P&L acumulado, se negativo, é comparado com o limite de *Stop Loss*. Se constatado que o resultado negativo atingiu o limite, o fato é tempestivamente aos níveis previstos na Política para os devidos posicionamentos.

Risco de Mercado da Carteira *Banking*

O gerenciamento do risco de mercado das posições classificadas na carteira bancária (*banking*) é realizado através da apuração do risco, monitoramento contínuo da exposição e reporte dos resultados. O Conglomerado utiliza para a apuração da sensibilidade do portfólio às mudanças na estrutura a termo de taxa de juros uma metodologia pautada nas recomendações de Basileia.

O risco da taxa de juros é a exposição de uma instituição financeira a movimentos adversos na estrutura a termo das taxas de juros. Mudanças na estrutura a termo de taxa de juros afetam a

receita da instituição, e modifica o valor dos ativos, passivos e instrumentos *off-balance* (*hedge* com derivativos) devido à mudança de seu valor de mercado. Desta forma, um processo efetivo de gerenciamento de risco de taxas de juros que o mantenha em níveis prudentes e dentro do apetite do Conglomerado em incorrer nesses riscos é essencial para sua segurança e solidez.

As etapas para esta quantificação são:

- Apuração da exposição por prazo e fator de risco do portfólio;
- Cálculo das curvas associadas aos fatores de risco com choques paralelos e rotacionais de alta e baixa seguindo diretrizes do *BIS*¹;
- Cálculo da variação das posições usando as curvas nos cenários descritos acima;
- Somatória das perdas entre os cenários obtidos por fator de risco.

A área de risco de mercado realiza o cálculo do risco de taxa de juros (RBAN) reportando o resultado através de relatórios para a Tesouraria. Havendo extrapolação dos limites estabelecidos, o fato é, tempestivamente, reportado ao CEGIR.

Abaixo são demonstrados os impactos de choques nas taxas de juros nas operações da carteira bancária. Primeiramente a estimativa de variação do valor de mercado, com utilização de choque compatível com o 1º e o 99º percentis de uma distribuição histórica de variações nas curvas de juros.

Ganhos /Perdas - Percentil Histórico					
R\$ (mil)	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Taxa de Juros Prefixadas					
1º Percentil	(10.268)	(13.174)	(6.632)	(17.121)	(1.871)
99º Percentil	8.617	7.869	13.017	14.345	3.021
Cupom de Dólar					
1º Percentil	(10.098)	(5.096)	(3.112)	(15.771)	(7.336)
99º Percentil	8.009	3.921	2.427	13.245	5.804

Deslocamento em pontos percentuais da Curva Juros para perdas em % do PR					
Pontos-base	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Taxa de Juros Prefixadas					
5% do PR	19	-	16	13	29
10% do PR	39	-	32	26	57
20% do PR	77	-	65	51	-
Cupom de Dólar					
5% do PR	11	20	31	8	18
10% do PR	21	41	63	15	36
20% do PR	43	85	-	30	71

Os campos não preenchidos correspondem a períodos em que o perfil da carteira, casada em prazo e volume, torna a análise do efeito de choques paralelos na estrutura a termo de taxa de juros frente à base de capital da Instituição pouco relevante.

¹ <http://www.bis.org/bcbs/publ/d368.pdf>

Realização de testes de avaliação dos controles de Risco de Mercado

A aferição dos modelos de risco de mercado é aplicada nos processos de mensuração, monitoramento e controles, visando identificar e sanar possíveis problemas e desvios destes processos em relação aos seus objetivos. Neste processo, inclui-se o *backtesting*, que tem o objetivo verificar a precisão dos modelos adotados através da comparação das perdas previstas com as observadas.

Análise prévia de riscos inerentes a novos produtos

A implantação de qualquer novo produto, ou estratégia, pelas áreas de negócio da Instituição passa pela avaliação prévia da Diretoria de Riscos, dentro do processo de avaliação e aprovação de produtos. A análise prévia do produto busca identificar os riscos inerentes do instrumento financeiro, bem como avaliar a adequação dos processos de controle de risco.

Exposições ao Risco de Mercado da carteira *Trading*

A tabela abaixo demonstra a evolução das exposições da carteira de negociação disposta pelos fatores de riscos: câmbio, *commodities*, taxas de juros e ações (em R\$ milhões).

Carteira de Negociação - Câmbio					
	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Comprado	987	893	569	620	500
Vendido	993	878	579	627	508
Líquido	(6)	16	(10)	(8)	(8)

Carteira de Negociação - <i>Commodities</i>					
	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Comprado	0	0	0	0	0
Vendido	0	0	2	2	0
Líquido	0	0	(2)	(2)	0

Carteira de Negociação - Taxas de Juros					
	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Comprado	1.387	1.900	939	1.051	1.740
Vendido	1.633	990	1.798	956	5.616
Líquido	(246)	910	(859)	95	(3.875)

Carteira de Negociação - Ações					
	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Comprado	324	322	323	330	0
Vendido	0	0	0	0	0
Líquido	324	322	323	330	0

A Instituição utiliza instrumentos derivativos para auxiliar a execução das estratégias. As duas próximas tabelas demonstram as exposições em derivativos no Brasil no final do deste trimestre, segmentadas pelos fatores de risco câmbio, *commodities*, taxas de juros e ações.

Primeiramente, listam-se as exposições com contraparte central, em valor nocional (em R\$ milhões):

Derivativos com Contraparte Central - Câmbio					
	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Comprado	324	300	148	295	322
Vendido	1.739	2.013	1.196	916	737
Líquido	(1.415)	(1.713)	(1.048)	(621)	(415)

Derivativos com Contraparte Central - Commodities					
	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Comprado	0	0	0	0	0
Vendido	0	0	0	0	0
Líquido	0	0	0	0	0

Derivativos com Contraparte Central - Taxas de Juros					
	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Comprado	1.589	1.680	1.695	1.481	1.819
Vendido	994	355	1.599	889	5.566
Líquido	595	1.324	96	592	(3.747)

Derivativos com Contraparte Central - Ações					
	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Comprado	0	0	0	0	0
Vendido	0	0	0	0	0
Líquido	0	0	0	0	0

E a seguir, as exposições com derivativos sem contraparte central (em R\$ milhões):

Derivativos sem Contraparte Central - Câmbio					
	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Comprado	664	862	529	325	178
Vendido	768	518	441	491	493
Líquido	(104)	344	89	(166)	(315)

Derivativos sem Contraparte Central - Commodities					
	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Comprado	0	0	0	0	0
Vendido	0	0	2	2	0
Líquido	0	0	(2)	(2)	0

Derivativos sem Contraparte Central - Taxas de Juros					
	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Comprado	622	356	356	660	559
Vendido	816	927	575	548	276
Líquido	(194)	(571)	(218)	112	283

Derivativos sem Contraparte Central - Ações					
	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
Comprado	0	0	0	0	0
Vendido	0	0	0	0	0
Líquido	0	0	0	0	0

6. Risco de Liquidez

As diretrizes da Alta Administração para o processo de Risco de Liquidez são norteadas pela Política de Risco de Liquidez que é aprovada e revisada pelo Comitê Executivo de Gestão Integrada de Riscos (CEGIR). Esta política segue as melhores práticas de mercado além de estar em linha com a Resolução 4.557/17.

A Diretoria de Riscos é responsável por identificar, monitorar, controlar, analisar e reportar os possíveis descasamentos de fluxos de caixa ou oscilações de mercado que comprometam a liquidez da Instituição. Este monitoramento é realizado diariamente, sendo reportado às áreas responsáveis pela gestão de liquidez as informações necessárias para tal.

Estas informações quantitativas em conjunto com as estratégias de crescimento do Conglomerado, balizam as estratégias de captação e de aplicação de forma a garantir um nível adequado de liquidez.

Os pilares que estruturam estas análises são detalhados nos itens a seguir:

Fluxo de Caixa

A apuração do fluxo de caixa é realizada a partir da consolidação de informações recebidas de diversas áreas do Conglomerado. Utiliza-se neste fluxo um horizonte temporal de, no mínimo, 90 (noventa) dias.

Para os fluxos, são considerados os diferentes tipos de moedas, prazos e valores contratados das operações. Visando uma melhor aderência com o fluxo real, incorpora-se ao fluxo de caixa contratual a ocorrência de eventos esperados que impactem na liquidez da Instituição como: a inadimplência e a renovações de operações.

São identificados possíveis descasamentos ou concentrações no fluxo que possam comprometer a capacidade financeira da Instituição. Estes descasamentos são monitorados pela Diretoria de Riscos, que acionará os responsáveis pela gestão da carteira para a tomada de providências, conforme cada mandato.

Teste de Estresse

A análise do risco de liquidez é complementada com testes de estresse, que estimam os efeitos de eventos severos ou situações extremas das condições econômico-financeiras na liquidez da Instituição.

Os cenários adversos de liquidez consideram, entre outros fatores, a redução de recursos captados, a dificuldade de acesso a novos recursos e a restrição da liquidação financeira dos ativos pelas contrapartes. Por sua vez, os cenários de choques nos fatores de riscos levam em conta: a alteração nos valores das variáveis macroeconômicas, dos preços dos ativos e das taxas de juros, assim como, à desvalorização dos ativos líquidos, segundo a perspectiva do país e de projeções por modelos probabilísticos.

A Diretoria de Riscos realiza o monitoramento da liquidez nestes cenários e reporta seus resultados tanto para a Tesouraria, como para os diretores responsáveis pelas áreas de Risco e de Captação.

Caixa Mínimo

O Caixa Mínimo consiste na manutenção de um colchão de liquidez para o Conglomerado garantir a solvência por determinado período de tempo em um cenário de estresse severo de liquidez. São considerados, entre outros, o resgate antecipado de captações, saques nos depósitos à vista, a rolagem dos vencimentos dos empréstimos, aumento na utilização dos limites de crédito rotativo e despesas administrativas.

A manutenção do nível de Caixa Mínimo, composto exclusivamente por ativos de alta liquidez, é monitorada, controlada e reportada pela Diretoria de Riscos. Se identificado um nível de Caixa inferior ao Caixa Mínimo, o fato é tempestivamente informado aos níveis previstos na Política para os devidos posicionamentos.

Plano de Contingência de Liquidez

O Plano de Contingência de Liquidez é um documento, com revisão anual, que contém a estratégia adotada pelo Conglomerado para fazer frente à uma eventual insuficiência de caixa em situações de crise de liquidez para diferentes horizontes de tempo, inclusive no *intraday*.

7. Risco Operacional e Outros Riscos

Define-se como risco operacional a possibilidade de ocorrência de perdas financeiras resultantes de falha, deficiência ou inadequação de processos internos, pessoas e sistemas, ou eventos externos. Inclui-se ainda o risco associado à inadequação ou deficiência em contratos firmados pela instituição, bem como, a sanções em razão de descumprimento de dispositivos legais, além de indenizações por danos a terceiros decorrentes das atividades desenvolvidas pela instituição.

Segundo a Resolução 4.557/17, inclui-se nos eventos de risco operacional:

- Fraudes internas e externas;
- Práticas inadequadas relativas a clientes, produtos e serviços;
- Falhas na execução, cumprimento de prazos e gerenciamento das atividades da Instituição;
- Danos a ativos físicos próprios ou de uso pela Instituição;
- Aqueles que acarretam interrupção de atividades;
- Falhas em sistemas de tecnologia da informação; e
- Demandas trabalhistas e segurança deficiente do local de trabalho.

A estrutura de risco operacional do Conglomerado Original visa identificar, mensurar, avaliar, monitorar, reportar, controlar e mitigar os riscos operacionais aos quais a Instituição está exposta, além de disseminar internamente a cultura de controle de riscos.

Esta estrutura está formalizada na Política de Gerenciamento de Risco Operacional documento que define a metodologia, os processos e as responsabilidades na gestão do risco operacional. A área de Risco Operacional deve atuar de forma corretiva e preventiva, evitando novos eventos ou a reincidência de falhas, e elaborar um Plano de Contingência para continuidade dos negócios. A estrutura conta ainda com o Comitê de Risco Operacional e Controles Internos.

Os principais instrumentos utilizados na Gestão de Risco Operacional são:

- Mapeamento dos processos;
- Matriz de riscos e de controles;
- Testes de controles;
- Sistema de registro de ocorrências de eventos de Risco Operacional; e
- Base de dados de perdas operacionais.

A eficiência do processo de gestão do risco operacional é um fator determinante para um adequado sistema de análise de riscos e definição de controles, uma vez que permite atuação tempestiva da Instituição com decisões equilibradas, evitando desperdícios de recursos ou perdas associadas ao risco operacional.

Para o cálculo da parcela referente ao risco operacional (RWA_{OPAD}), o Conglomerado Original utiliza a abordagem do Indicador Básico, conforme Circular 3.640/13, publicada pelo Banco Central do Brasil, e atualizações.

As áreas envolvidas na estrutura, assim como suas principais responsabilidades são:

Comitê Executivo de Gestão Integrada de Riscos

- Estabelecer diretrizes do apetite a risco operacional, aprovando e revisando a política de risco operacional.

Comitê de Risco Operacional e Controles Internos

- Acompanhar a suficiência dos controles implantados, frente aos riscos aos quais o Conglomerado está exposto;
- Discutir e decidir questões técnicas, processuais e operacionais; e
- Coordenar a implantação dos procedimentos necessários ao gerenciamento do risco operacional.

Comitê de Auditoria

- Avaliar os processos de controles internos e de gerenciamento de riscos do Conglomerado; e
- Recomendar à Diretoria da Instituição, correções ou aprimoramentos de políticas, práticas e procedimentos, identificados no âmbito de suas atribuições.
- Acompanhamento das melhorias recomendadas pela Auditoria Interna.
- Aprovar o Plano de Auditoria da Instituição.

Área de Risco Operacional

- Implantar, disseminar e revisar as políticas, procedimentos, processos e ferramentas relacionados ao controle do Risco Operacional;
- Manter a Diretoria da Instituição e demais responsáveis plenamente atualizados sobre o progresso da gestão de riscos através de relatórios e comitês;
- Convocar os envolvidos para as reuniões do Comitê de Risco Operacional e Controles Internos, e redigir suas atas;
- Identificar, revisar e avaliar os riscos operacionais inerentes ao contexto do ambiente de controle existente e documentar as ações mitigadoras requeridas ou a aceitação do risco observado;
- Gerir o plano de continuidade dos negócios, definindo os procedimentos para assegurar as condições de continuidade das atividades, limitando potenciais graves perdas, decorrentes da inexistência de condições mínimas de manutenção da operação;
- Gerar e armazenar uma base informacional que contenha as perdas associadas ao risco operacional e sua conciliação com os registros contábeis;
- Avaliar e divulgar os respectivos manuais internos, visando assegurar que sejam confiáveis e atendam aos requisitos de avaliação de riscos e controles;
- Divulgar na homepage institucional e nas demonstrações contábeis a descrição da estrutura de gerenciamento de risco operacional;
- Elaborar e divulgar o relatório 3.380, de gerenciamento de Risco Operacional; e
- Avaliar e acompanhar as soluções para as falhas operacionais.

Área de Auditoria Interna

- Avaliar periodicamente os testes realizados pela Área de Controles Internos, bem como a correta implementação dos respectivos planos de correção necessários; e
- Emitir relatórios sobre a eficiência dos controles realizados.

Área de Compliance

- Promover a conformidade do Conglomerado com o ambiente legal, regulatório, bem como com seus próprios regulamentos internos;

Área de Prevenção à Lavagem de Dinheiro

- Responsável pelo programa de Prevenção à Lavagem de Dinheiro (PLD);
- Elaborar os pareceres do programa “Conheça seu cliente” (KYC), avaliação detalhada dos potenciais relacionamentos e revisão dos clientes da Instituição;
- Realizar o monitoramento das operações financeiras; e
- Comunicar ao COAF as movimentações financeiras atípicas praticadas por clientes.

Todos os Integrantes da Instituição

- Cumprir as normas e as políticas do Conglomerado, resultando na melhoria contínua do sistema de gestão de riscos;
- Gerir e efetuar a avaliação constante de seus processos e dos respectivos controles executados; e
- Envidar esforços concretos no sentido de documentar e sanar as deficiências observadas relativas a riscos operacionais.

Risco Socioambiental

Consciente de sua responsabilidade para o desenvolvimento de uma sociedade sustentável e comprometido com o respeito à dignidade humana e com a disseminação da cultura de responsabilidade socioambiental, o Banco Original possui uma Política de Responsabilidade Socioambiental (PRSA) e realiza o acompanhamento contínuo dos princípios, estratégias e diretrizes ali estabelecidos.

A PRSA do Banco Original é um instrumento de gestão integrada que abrange:

- ❖ Estrutura de governança direcionada às questões socioambientais;
- ❖ Avaliação e gestão de risco socioambiental;
- ❖ Atividades e operações escopo da PRSA, observando-se os princípios da proporcionalidade, razoabilidade e eficiência;
- ❖ Verificação da aderência à PRSA;
- ❖ Divulgação e a revisão da PRSA; e
- ❖ Capacitação de empregados para a implementação de ações em sintonia com a PRSA.

Faz parte do gerenciamento dos riscos socioambientais as verificações do cumprimento das regras e procedimentos estabelecidos na PRSA. Para isso, o Banco possui uma estrutura de Governança Corporativa

constituída e que, entre outros, tem o objetivo de implementar, avaliar e monitorar a efetividade e a adequação de sua PRSA. Inclui:

- ❖ Comitê de Diretoria – órgão máximo da governança do banco, sendo responsável pela aprovação da PRSA, acompanhamento de sua implementação e deliberação sobre riscos ambientais não expressamente relacionados nos normativos internos;
- ❖ Comitê de Risco Operacional e Controles Internos (CROCI) – órgão nomeado pelo Comitê de Diretoria, com a função de tratar questões socioambientais, monitorando e avaliando a PRSA;
- ❖ Comitê de Ética – órgão responsável por tratar questões internas relacionadas a conflitos de interesse e violações do Código de Ética, Códigos de Conduta Setoriais, Políticas, Circulares Normativas internas, e regulamentação aplicável;
- ❖ A área de Controles Internos, Riscos e Compliance, como parte de suas responsabilidades, realiza o monitoramento do cumprimento das disposições da PRSA através da aplicação de metodologia de Gerenciamentos de Riscos.

8. Gerenciamento de Capital

O gerenciamento de capital pode ser definido como o processo contínuo de monitoramento e controle do capital necessário para fazer face aos riscos a que a Instituição está sujeita, frente a seus objetivos estratégicos, e refletidos em suas metas.

A Diretoria de Riscos identifica, mensura, avalia e monitora a necessidade de capital via a vis aos riscos aos quais a Instituição estará exposta, reportando os resultados para os órgãos reguladores, as áreas internas responsáveis e aos comitês gestores, conforme alçadas pré-definidas.

Os processos relacionados ao gerenciamento de capital, consistem em:

- a) Evolução e projeção dos principais riscos que a instituição incorre;
- b) Projeção das carteiras de ativos e passivos e dos resultados;
- c) Levantamento das fontes de capital;
- d) Projeção do capital necessário para fazer frente à exposição ao risco;
- e) Apuração e análise da suficiência de capital, de acordo com as metas definidas;
- f) Aplicação de testes de estresse e reporte dos resultados obtidos; e
- g) Controles dos limites estabelecidos.

Com isso, o Conglomerado avalia a relação entre o capital exigido, incluindo aqueles riscos não abrangidos pelo capital regulatório, e o capital disponível, considerando: a carteira atual, o orçamento projetado e os impactos de cenários de estresse.

Os relatórios gerenciais possibilitam à Diretoria o acompanhamento da alocação de capital nas diversas linhas de negócios, gerando informações para a tomada de decisão e insumos para o planejamento estratégico da Instituição.

Atualmente, o Patrimônio de Referência (PR) da Instituição é composto somente pelo Capital Principal, que, por sua vez, é constituído pelos seguintes instrumentos:

- Ações ordinárias no país;
- Reserva de lucros;
- Lucros/prejuízos acumulados; e
- Ajustes Prudenciais.

A Organização não possui instrumentos elegíveis para compor o Capital Complementar, nem o Nível II do PR.

Em relação às restrições ou impedimentos relevantes, existentes ou possíveis, à transferência de recursos entre as instituições do Conglomerado, destaca-se a existência de obrigações contratuais do controlador que colocam o capital social do Banco Original S.A como garantia de uma operação financeira, impedindo assim sua transferência para o Banco Original do Agronegócio S.A.

Não obstante, as duas instituições apresentam individualmente um Patrimônio de Referência (PR) acima dos requerimentos mínimos de capital, apurado com base no montante dos ativos ponderados pelo risco (RWA). Ou seja, observa-se uma folga no índice de Basileia do conglomerado, segundo os moldes da regulamentação aplicada à esta Instituição.

Análise Quantitativa

Nas Resoluções 4.192 e 4.193 de 2013 foram definidas as principais métricas para alocação de capital da instituição seguindo as orientações do Comitê de Basileia. Nestas resoluções foram instituídos os conceitos de Patrimônio de Referência (PR Nível I e Nível II) e Ativos Ponderados pelo Risco (RWA).

O cálculo dos Ativos Ponderados ao Risco (RWA) consiste em uma soma de parcelas que quantificam e consolidam os riscos de mercado, crédito e operacional.

O **RWAcpad** (Circular 3.644/13) representa o risco de crédito ponderado pelo fator de risco associado a cada modalidade.

O **RWAopad** (Circular 3.640/13) quantifica a exposição ao Risco Operacional.

As parcelas de risco de mercado das operações registradas na carteira de negociação (*trading*) da instituição são segregadas por grupos de fatores de risco:

RWAjur: Grupo de parcelas que medem a exposição da carteira à taxa de juros pré-fixada em reais, cupom de moeda estrangeira e cupom de inflação. Esta classe de parcelas tem a seguinte segregação:

- **RWAjur1** (Circular 3.634/13): taxa de juros pré-fixadas em reais;
- **RWAjur2** (Circular 3.635/13): cupom de moedas estrangeiras;
- **RWAjur3** (Circular 3.636/13): cupom de inflação; e
- **RWAjur4** (Circular 3.637/13): cupom de juros.

RWAacs (Circular 3.638/13): Parcela que mede a exposição da carteira em ações ou derivativos indexados a índices de bolsas.

Por sua vez, nas parcelas **RWAcom** e **RWacam** são consideradas todas as operações que possuem risco de *commodities* e risco cambial, respectivamente:

- **RWAcom** (Circular 3.639/13): Parcela que mede a exposição da carteira a variação no preço das *commodities*.
- **RWacam** (Circular 3.641/13): Parcela que mede a exposição da carteira em moeda estrangeira.

O quadro a seguir demonstra a evolução da alocação de capital do Conglomerado Prudencial Original².

² O envio de informações sobre a alocação de capital do Consolidado Econômico-Financeiro (CONEF) foi descontinuado pelo Banco Central, conforme redação dada pela Circular 3.686/13 que altera a Circular 3.398/08.

Alocação de Capital - Basileia					
(R\$ mil)	3º T / 2018	2º T / 2018	1º T / 2018	4º T / 2017	3º T / 2017
A) Patrimônio de Referência (PR)	1.150.045	1.228.199	1.079.247	1.307.344	1.352.292
PR Nível I	1.150.045	1.228.199	1.079.247	1.307.344	1.352.292
Capital Principal (CP)	1.150.045	1.228.199	1.079.247	1.307.344	1.352.292
Capital Social + Resultado + Reservas	2.157.075	2.215.947	2.171.761	2.214.980	2.254.754
Ajuste Venda Marca	(140.863)	(139.309)	(200.873)	(223.184)	(239.253)
Ajustes Prudenciais	(866.166)	(848.439)	(891.641)	(684.452)	(663.209)
Capital Complementar (CC)	-	-	-	-	-
Instrumentos Elegíveis ao CC	-	-	-	-	-
PR Nível II	-	-	-	-	-
Instrumentos Elegíveis ao Nível II	-	-	-	-	-
Deduções Nível II	-	-	-	-	-
B) Ativos Ponderados por Risco (RWA x F)	700.283	701.001	649.987	741.592	628.928
Valor da Parcela RWA _{CAM}	4.466	9.087	2.665	11.818	14.707
Valor da Parcela RWA _{JUR1}	5.996	6.727	32.100	8.483	27.802
Valor da Parcela RWA _{JUR2}	7.077	8.704	2.838	4.625	4.139
Valor da Parcela RWA _{JUR3}					
Valor da Parcela RWA _{JUR4}					
Valor da Parcela RWA _{COM}			166	127	466
Valor da Parcela RWA _{ACS}	52.908	49.366	49.255	54.291	
Valor da Parcela RWA _{CPAD}	559.226	553.743	489.588	598.247	517.814
Valor da Parcela RWA _{OPAD}	70.611	73.375	73.375	64.001	64.001
Valor da Parcela R _{BAN}	23.183	16.355	26.952	34.221	28.714
C) Margem (PR - (RWA x F) - R_{BAN})	426.579	510.843	402.308	531.530	694.650
Índice de Capital Principal (ICP)	14,16%	15,11%	14,32%	16,31%	19,89%
Índice de Nível I (IN1)	14,16%	15,11%	14,32%	16,31%	19,89%
Índice de Basileia (IB)	14,16%	15,11%	14,32%	16,31%	19,89%

Adicionalmente, para apuração do índice de Basileia, o conglomerado de forma conservadora, e em linha com os conceitos de Basileia de uma gestão prudencial, está excluindo o impacto da operação de Venda da Marca na apuração do Nível I e da Exposição do RWA, afim de demonstrar a não alavancagem dos negócios até que haja o efetivo recebimento das parcelas futuras da venda. Destaca-se que o índice de Basileia sem a exclusão deste impacto seria de 15,90%.

Em relação aos ativos ponderados pelo risco (RWA), o aumento do capital alocado na parcela de risco de crédito (RWACPAD) deve-se, principalmente ao aumento da carteira de crédito. Em relação ao Patrimônio de Referência, a redução da base de capital deve-se ao prejuízo do segundo trimestre e do aumento do ajuste prudencial em função dos créditos tributários.

Como resultado dos eventos acima, no trimestre atual o Índice da Basileia do Conglomerado Prudencial Original evoluiu de 15,11% para 14,16%.

Nas seções de anexos há a visão analítica do Índice de Basileia e da Razão de Alavancagem (RA), dada pela Circular 3.748/15, que mede a relação entre a base de capital e exposição ao risco de crédito. Em relação ao trimestre anterior, a RA evoluiu de 12,6% para 12,0%.

ANEXO I

Composição do Patrimônio de Referência (PR) e informações sobre a adequação do PR			setembro / 18
Número da linha	Capital Principal: instrumentos e reservas	Valor (R\$ mil)	Valor sujeito a tratamento transitório (R\$ mil)
1	Instrumentos Elegíveis ao Capital Principal	2.239.124	
2	Reservas de lucros	(82.673)	
3	Outras receitas e outras reservas	624	
4	<i>Instrumentos autorizados a compor o Capital Principal antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013</i>		
5	Participação de não controladores em subsidiárias integrantes do conglomerado, não dedutível do Capital Principal		
6	Capital Principal antes dos ajustes prudenciais	2.157.075	
Número da linha	Capital Principal: ajustes prudenciais	Valor (R\$ mil)	Valor sujeito a tratamento transitório (R\$ mil)
7	Ajustes prudenciais relativos a apreçamento de instrumentos financeiros		
8	Ágios pagos na aquisição de investimentos com fundamento em expectativa de rentabilidade futura		
9	Ativos intangíveis	625.335	
10	Créditos tributários decorrentes de prejuízos fiscais e de base negativa de Contribuição Social sobre o Lucro Líquido e os originados dessa contribuição relativos a períodos de apuração encerrados até 31 de dezembro de 1998	240.831	39.210
11	Ajustes relativos ao valor de mercado dos instrumentos financeiros derivativos utilizados para hedge de fluxo de caixa de itens protegidos que não tenham seus ajustes de marcação a mercado registrados contabilmente.		
12	Diferença a menor entre o valor provisionado e a perda esperada para instituições que usam IRB		
13	Ganhos resultantes de operações de securitização		
14	Ganhos ou perdas advindos do impacto de mudanças no risco de crédito da instituição na avaliação a valor justo de itens do passivo		
15	Ativos atuariais relacionados a fundos de pensão de benefício definido		
16	Ações ou outros instrumentos de emissão própria autorizados a compor o Capital Principal, adquiridos diretamente, indiretamente ou de forma sintética		
17	Investimentos cruzados em instrumentos elegíveis ao Capital Principal		
18	Valor agregado das participações inferiores a 10% do capital social de empresas assemelhadas a instituições financeiras não consolidadas, de sociedades seguradoras, resseguradoras, de capitalização e de entidades abertas de previdência complementar, que exceda 10% do valor do Capital Principal, desconsiderando deduções específicas		
19	Participações superiores a 10% do capital social de empresas assemelhadas a instituições financeiras não consolidadas, de sociedades seguradoras, resseguradoras, de capitalização e de entidades abertas de previdência complementar		
20	Mortgage servicing rights		
21	Créditos tributários decorrentes de diferenças temporárias que dependam de geração de lucros ou receitas tributáveis futuras para sua realização, acima do limite de 10% do Capital Principal, desconsiderando deduções específicas		
22	Valor que excede a 15% do Capital Principal		
23	do qual: oriundo de participações no capital social de empresas assemelhadas a instituições financeiras não consolidadas, de sociedades seguradoras, resseguradoras, de capitalização e de entidades abertas de previdência complementar		
24	do qual: oriundo de direitos por serviços de hipoteca		
25	do qual: oriundo de créditos tributários decorrentes de diferenças temporárias que dependam de geração de lucros ou receitas tributáveis futuras para sua realização		
26	Ajustes regulatórios nacionais	140.863	
26.a	Ativos permanentes diferidos		
26.b	Investimento em dependência, instituição financeira controlada no exterior ou entidade não financeira que componha o conglomerado, em relação às quais o Banco Central do Brasil não tenha acesso a informações, dados e documentos		
26.c	Instrumentos de captação elegíveis ao Capital Principal emitidos por instituição autorizada a funcionar pelo Banco Central do Brasil ou por instituição financeira no exterior, que não componha o conglomerado		
26.d	Aumento de capital social não autorizado		
26.e	Excedente ao valor ajustado de Capital Principal		
26.f	Depósito para suprir deficiência de capital		
26.g	Montante dos ativos intangíveis constituídos antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013		
26.h	Excesso dos recursos aplicados no Ativo Permanente		
26.i	Destaque do PR		
26.j	Outras diferenças residuais relativas à metodologia de apuração do Capital Principal para fins regulatórios	140.863	
27	Ajustes regulatórios aplicados ao Capital Principal em função de insuficiência do Capital Complementar e de Nível II para cobrir deduções		
28	Total de deduções regulatórias ao Capital Principal	1.007.029	
29	Capital Principal	1.150.045	

ANEXO I (Continuação)

Número da linha	Capital Complementar: instrumentos	Valor (R\$ mil)	Valor sujeito a tratamento transitório (R\$ mil)
30	Instrumentos elegíveis ao Capital Complementar		
31	dos quais: classificados como capital social conforme as regras contábeis		
32	dos quais: classificados como passivo conforme as regras contábeis		
33	Instrumentos autorizados a compor o Capital Complementar antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013		
34	Participação de não controladores em subsidiárias integrantes do conglomerado, não dedutível do Capital Complementar		
35	dos quais: instrumentos emitidos por subsidiárias antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013		
36	Capital Complementar antes das deduções regulatórias		
Número da linha	Capital Complementar: deduções regulatórias	Valor (R\$ mil)	Valor sujeito a tratamento transitório (R\$ mil)
37	Ações ou outros instrumentos de emissão própria, autorizados a compor o Capital Complementar, adquiridos diretamente, indiretamente ou de forma sintética		
38	Investimentos cruzados em instrumentos elegíveis ao capital complementar		
39	Valor agregado das participações inferiores a 10% do capital social de instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil ou por instituição financeira no exterior, que não componha o conglomerado e que exceda 10% do valor do Capital Complementar		
40	Participações superiores a 10% do capital social de instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil ou por instituição financeira no exterior, que não componha o conglomerado		
41	Ajustes regulatórios nacionais		
41.a	Instrumentos de captação elegíveis ao capital complementar emitidos por instituição autorizada a funcionar pelo Banco Central do Brasil ou por instituição financeira no exterior, que não componha o conglomerado, limitando-se aos instrumentos detidos por terceiros e emitidos até 31 de dezembro de 2012		
41.b	Participação de não controladores no Capital Complementar		
41.c	Outras diferenças residuais relativas à metodologia de apuração do Capital Complementar para fins regulatórios		
42	Ajustes regulatórios aplicados ao Capital Complementar em função de insuficiência do Nível II para cobrir deduções		
43	Total de deduções regulatórias ao Capital Complementar		
44	Capital Complementar		
45	Nível I	1.150.045	
Número da linha	Nível II: instrumentos	Valor (R\$ mil)	Valor sujeito a tratamento transitório (R\$ mil)
46	Instrumentos elegíveis ao Nível II		
47	Instrumentos autorizados a compor o Nível II antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013		
48	Participação de não controladores em subsidiárias integrantes do conglomerado, não dedutível do Nível II		
49	dos quais: instrumentos emitidos por subsidiárias antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013		
50	Excesso de provisões em relação à perda esperada no IRB		
51	Nível II antes das deduções regulatórias		
Número da linha	Nível II: deduções regulatórias	Valor (R\$ mil)	Valor sujeito a tratamento transitório (R\$ mil)
52	Ações ou outros instrumentos de emissão própria, autorizados a compor o Nível II, adquiridos diretamente, indiretamente ou de forma sintética		
53	Investimentos cruzados em instrumentos elegíveis ao Nível II		
54	Valor agregado das participações inferiores a 10% do capital social de instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil ou por instituição financeira no exterior, que não componha o conglomerado, que exceda 10% do valor do Capital Complementar		
55	Participações superiores a 10% do capital social de instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil ou por instituição financeira no exterior, que não componha o conglomerado		
56	Ajustes regulatórios nacionais		
56.a	Instrumentos de captação emitidos por instituição autorizada a funcionar pelo Banco Central do Brasil ou por instituição financeira no exterior, que não componha o conglomerado, limitando-se aos instrumentos detidos por terceiros emitidos até 31 de dezembro de 2012		
56.b	Participação de não controladores no Nível II		
56.c	Outras diferenças residuais relativas à metodologia de apuração do Nível II para fins regulatórios		
57	Total de deduções regulatórias ao Nível II		
58	Nível II		
59	Patrimônio de Referência (Nível I + Nível II)	1.150.045	
60	Total de ativos ponderados pelo risco	8.119.221	

ANEXO I (Continuação)

Número da linha	Índices de Basileia e Adicional de Capital Principal	%	
61	Índice de Capital Principal (ICP)	14,16	
62	Índice de Nível I (IN1)	14,16	
63	Índice de Basileia (IB)	14,16	
64	Valor total de Capital Principal demandado especificamente para a instituição (% dos RWA)	4,50	
65	do qual: adicional para conservação de capital	-	
66	do qual: adicional contracíclico	-	
67	do qual: adicional para instituições sistemicamente importantes em nível global (G-SIB)		
68	Montante de Capital Principal alocado para suprir os valores demandados de Adicional de Capital Principal (% dos RWA)	9,66	
Número da linha	Mínimos Nacionais	%	
69	Índice de Capital Principal (ICP), se diferente do estabelecido em Basileia III		
70	Índice de Nível I (IN1), se diferente do estabelecido em Basileia III	5,50	
71	Índice de Basileia (IB), se diferente do estabelecido em Basileia III	10,50	
Número da linha	Valores abaixo do limite para dedução (não ponderados pelo risco)	Valor (R\$ mil)	Valor sujeito a tratamento transitório (R\$ mil)
72	Valor agregado das participações inferiores a 10% do capital social de empresas assemelhadas a instituições financeiras não consolidadas, de sociedades seguradoras, resseguradoras, de capitalização e de entidades abertas de previdência complementar		
73	Participações superiores a 10% do capital social de empresas assemelhadas a instituições financeiras não consolidadas, de sociedades seguradoras, resseguradoras, de capitalização e de entidades abertas de previdência complementar		
74	Mortgage servicing rights		
75	Créditos tributários decorrentes de diferenças temporárias, não deduzidos do Capital Principal	31.513	
Número da linha	Limites à inclusão de provisões no Nível II	Valor (R\$ mil)	
76	Provisões genéricas elegíveis à inclusão no Nível II relativas a exposições sujeitas ao cálculo do requerimento de capital mediante abordagem padronizada		
77	Limite para a inclusão de provisões genéricas no Nível II para exposições sujeitas à abordagem padronizada		
78	Provisões elegíveis à inclusão no Nível II relativas a exposições sujeitas ao cálculo do requerimento de capital mediante abordagem IRB (antes da aplicação do limite)		
79	Limite para a inclusão de provisões no Nível II para exposições sujeitas à abordagem IRB		
Número da linha	Instrumentos autorizados a compor o PR antes da entrada em vigor da Resolução 4.192, de 2013 (aplicável entre 1º de outubro de 2013 e 1º de janeiro de 2022)	Valor (R\$ mil)	Valor sujeito a tratamento transitório (R\$ mil)
80	Limite atual para os instrumentos autorizados a compor o Capital Principal antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013		
81	Valor excluído do Capital Principal devido ao limite		
82	Instrumentos autorizados a compor o Capital Complementar antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013		
83	Valor excluído do Capital Complementar devido ao limite		
84	Instrumentos autorizados a compor o Nível II antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013		
85	Valor excluído do Nível II devido ao limite		

ANEXO II

Composição da Razão de Alavancagem de Basileia III

Resumo Comparativo entre Demonstrações Financeiras Publicadas e Razão de Alavancagem *Em milhares*

<i>Item</i>	<i>set-18</i>	<i>jun-18</i>
1 Ativo total de acordo com as demonstrações financeiras publicadas	9.456.708	9.160.445
2 Ajuste decorrente de diferenças de consolidação contábil.	-	-
3 Ajuste relativo aos ativos cedidos ou transferidos com transferência substancial dos riscos e benefícios e reconhecidos contabilmente	-	-
4 Ajuste relativo aos valores de referências ajustados e aos ganhos potenciais futuros em operações com instrumentos financeiros derivativos.	38.928	-
5 Ajuste relativo a operações compromissadas e de empréstimo de títulos e valores mobiliários	0	126.008
6 Ajuste relativo a operações não contabilizadas no ativo total do conglomerado prudencial	722.473	673.912
7 Outros ajustes	(626.299)	(244.593)
8 Exposição Total	9.591.810	9.715.772

ANEXO II (continuação)
Modelo Comum de divulgação de informações sobre a Razão de Alavancagem
Em milhares

Item	set-18	jun-18
Itens contabilizados no Balanço Patrimonial (BP)		
1 Itens Patrimoniais	8.945.614	8.943.296
2 Ajustes relativos aos elementos patrimoniais deduzidos na apuração do Nível I	(905.962)	(896.477)
3 Total das exposições contabilizadas no BP	8.039.653	8.046.819
Operações com Instrumentos Financeiros Derivativos		
4 Valor de reposição em operações com derivativos.	269.964	235.455
5 Ganho potencial futuro decorrente de operações com derivativos	38.928	-
6 Ajuste relativo à garantia prestada em operações com derivativos	-	-
7 Ajuste relativo à margem de garantia diária prestada	-	-
8 Derivativos em nome de clientes em que não há obrigatoriedade contratual	-	-
9 Valor de referência ajustado em derivativos de crédito	-	-
10 Ajuste sob o valor de referência ajustado em derivativos de crédito	-	-
11 Total das exposições relativas a operações com instrumentos financeiros derivativos	308.892	235.455
Operações Compromissadas e de Empréstimo de Títulos e Valores Mobiliários (TVM)		
12 Aplicações em operações compromissadas e de empréstimo de TVM	520.792	633.579
13 Ajuste relativo a recompras a liquidar e credores por empréstimo de TVM	-	-
14 Valor relativo ao risco de crédito da contraparte	-	126.008
15 Valor relativo ao risco de crédito da contraparte em operações de intermediação	-	-
16 Total das exposições relativas a operações compromissadas e de empréstimo de títulos e valores mobiliários (soma das linhas 12 a 15)	520.792	759.587
Itens não contabilizados no Balanço Patrimonial (BP)		
17 Valor de referência das operações não contabilizadas no BP	1.455.298	1.341.558
18 Ajuste relativo à aplicação de FCC específico às operações não contabilizadas no BP	-732.824	-667.647
19 Total das exposições não contabilizadas no Balanço Patrimonial	722.473	673.912
Capital e Exposição Total		
20 Nível I	1.150.045	1.228.199
21 Exposição Total	9.591.810	9.715.772
Razão de Alavancagem (RA)		
22 Razão de Alavancagem de Basileia III.	12,0%	12,6%